

ANÁLISE DA NOTÍCIA

ENTRE OS EXCESSOS E A OUSADIA

Carlos Marcelo
Editor do **Correio Dois**

Dois empates pouco convincentes, vários excessos e algumas ousadias. A equação explosiva montada pelo júri oficial da 30ª edição do Festival de Brasília não agradou muito ao público que lotou as poltronas e corredores do Cine Brasília.

Entre os longas, os únicos prêmios previsíveis da noite foram os Candangos de melhor atriz para Araci Esteves e o de ator coadjuvante para Augusto Pompeo (A Grande Noitada). A escolha de Júlio Bressane para direção também era esperada — mas foi um exagero premiar o

experimentalismo repetitivo de Miramar com cinco estatuetas.

Por este motivo, a opção pela dupla vitória de Anahy e Miramar na categoria de melhor filme deve ter deixado um gostinho de derrota para a equipe gaúcha. Afinal, foi o único entre os longas que estabeleceu comunicação direta com o público. Não subestimou a platéia (a exemplo de Como Ser Solteiro), não a aborreceu (como Lua de Outubro), não a afugentou logo no início (A Grande Noitada) nem exigiu diploma universitário — como Miramar.

O esquecimento de Othon Bastos (A Grande...) foi uma injustiça, ainda mais quando o Candango de

melhor ator foi dividido entre o naturalismo de Ernesto Piccolo em ...Solteiro e o esforço de Marcos Palmeira em Anahy.

Entre os curtas, o esquecimento total de Amar... e os quatro Candangos para o pueril Um Dia e Logo Depois Um Outro foram compensados pela ousadia de premiar a anarquia demolidora e contagiante de Cinco Filmes Estrangeiros com o prêmio máximo. Ao escolher a produção brasiliense, o júri seguiu o critério que deu ao Baile Perfumado o prêmio de melhor longa do ano passado: olhou para o futuro e enxergou um cinema inquieto, com a cara dos anos 90.